

Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos)

I. Situação e descobrimento—II. Factos progressos
III. Fases da exploração—IV. Iconografia dos achados—V. Conclusões.

I

Achando-me nas *Caldas da Rainha*, durante a primavera de 1911, com licença por motivo de saúde, não podia, mesmo assim, sopear a minha curiosidade arqueológica, abstendo-me de fazer pesquisas e tomar notas¹.



Fig. 1 — Outeiro da Assenta e Várzea da Rainha, como se vêem da estação de Óbidos para N.

Da antiga Mata Rial, o ponto mais elevado, a curta distância da povoação, avistei um dia, para O. e muito afastado, um cabeço de forma semi-esférica, que semelhava uma colossal mamoa. Resolvi-me a visitá-lo, porque o seu aspecto e o seu isolamento, no meio de terras mais baixas, davam-me a esperança de conter vestígios prehistóricos. Assim o fiz e não de balde.

Essa eminência chama-se *Outeiro de El-rei*; é evidente que não podia ser artificial, atendendo às suas avantajadas dimensões, mas o certo é que, por entre o mato e as fragas, que a compõem, encontrei dois fragmentos cerâmicos de aspecto muito antigo, talvez neo-

¹ Não é este o único estudo, que resultou da minha estada nas Caldas em 1911. Pelo menos mais dois espero publicar, com o que vi nesse ano e depois.

lítico. Era natural que tivesse sido utilizada pelo homem preistórico, e deverei observar que contíguo lhe fica o lugar de *Trás-do-Outeiro*, cujos habitantes poderão entroncar a sua mais remota ascendência na população neolítica, que naquela região prosperou. Tenho para esta afirmação uma prova bastante séria: é que foi no lugar de *Trás-do-Outeiro*, que eu adquiri algumas dezenas de machados de pedra polida, só em duas ou três visitas que ali realizei. De entre todas as aldeias dos concelhos de Óbidos e das Caldas da Rainha, foi esta insignificante povoação, que me forneceu maior número destes utensílios ou armas preistóricas, o que necessariamente implica a existência de povoados daquelas eras, nos arredores do actual lugarejo.

Mas além desta eminência, uma outra muito mais avultada, ergue os seus penhascos cinzentos, a pouca distância de *Trás-do-Outeiro*, na direcção de Óbidos¹. Refiro-me ao *Outeiro da Assenta*, de que vou ocupar-me. (Vid. fig. 1).

*

O *Outeiro da Assenta* está situado na margem da *Várzea da Rainha*, extensíssima planície em que se desdobra para SE. a Lagoa de Óbidos. É uma forte e áspera elevação, quasi isolada, muito mais comprida que larga, constituída por terras muito inclinadas e coroada por um longo espinhaço de rocha que, do lado do nascente, forma, na metade S. da sua extensão, uma alta cortina vertical na direcção do eixo maior do cabeça e, do lado do poente, se nivela com a encosta que, em rápido e irregular declive, vai morrer na planura da várzea.

Para L., êste outeiro desce, por uma escavatura lingueta de terras afogueadas, para os plainos das aluviões cascalhentas, que preenchem o largo trato de terreno chão entre Óbidos e Caldas da Rainha².

Concretizo em três ou quatro considerandos as razões que tive, para não duvidar um instante da habitabilidade dêste alcantilado cabeça em épocas preistóricas e portanto para iniciar a sua exploração.

1.º A disposição e forma do outeiro. Pela crista do morro, o penhasco irrompe do lado do nascente, como uma muralha natural, magnificamente disposta para ao longo dela se arrumarem muitas habitações primitivas, desde a cumeada até ao sopé. É isto uma in-

¹ Êste nome devia ter sido pôsto pelos habitantes de Óbidos, porque efectivamente é para estes que o referido lugarejo fica por detrás do *Outeiro da Assenta*. Para os habitantes das Caldas, relativamente modernos, aquela denominação seria injustificável.

² Nas cartas geodésicas e derivadas, é o cabeça que se vê poucos metros ao S. da quinta de S. Miguel.

dicação quasi infalível da etnografia preistórica, tratando-se de um outeiro estratégico situado em região fértil.

2.º A sua situação. A *Vargem da Rainha* (é a denominação local) é uma ubérrima planície, das margens da Lagoa de Óbidos, e, quer se atenda à generosa produtividade deste torrão¹, quer às condições piscícolas da Lagoa, as populações preistóricas, atraídas por este meio favorável à sua existência e tendo à sua disposição uma eminência inexpugnável, sádica e abrigada de um lado, deviam escolhê-la para aí estabelecerem a sua aldeia, donde desciam para as razzias venatórias e para a pesca da fauna lacustre. A confirmarem a minha lógica presunção, estavam as fartas aquisições de machados neolíticos, nas proximidades deste outeiro e do outro, a que já me referi.

3.º A fama de riquezas aí escondidas e a existência de uma nascente de água potável no sopé desta montanha com a significativa denominação de *Fonte da Moura*. É sabido como geralmente estas crenças populares tem aplicação a antigos locais habitados e são devidas a acaídos, a que o povo dá uma interpretação mais ou menos maravilhosa.

A tradição, que nos transmite esta crença, é também um indício quasi sempre seguro de que o local indicado contém vestígios antigos.

4.º Percorrendo eu mesmo e de peito feito o outeiro, aí encontrei um fragmento de machado neolítico, alguns cacos aparentemente da mesma época, e um fragmento de teijolo antigo, de aspecto idêntico aos romanos, o que me veio ratificar com verdadeira satisfação a segura base das minhas conjecturas.

II

A aura de riquezas soterradas no *Outeiro da Assenta* tinha, neste caso, uma base recente em acontecimento de que, só depois, tive notícia e que passo a relatar. Quando, há cerca de vinte anos, se construiu a estação ferro-viária de Óbidos, a pedra necessária foi explorada no *Outeiro da Assenta*. Nestes trabalhos, ao ser atacada uma *lapa*, isto é, um ponto da rocha em que esta era saliente e formava, pela parte inferior, um pequeno abrigo, encontrou-se um depósito mortuário. Uma testemunha ocular do achado mostrou-me, não a lapa de que me ocupo e que foi destruída, mas outra idêntica, situada também a SO. no alto da encosta. Os cadáveres inumados debaixo da rocha eram sete e as posições, em que se encontravam os esqueletos, não eram uniformes. Emquanto uns estavam de costas, outros

¹ É provável que esta várzea estivesse submersa em tempos antigos.

estavam de bruços, mas todos os cadáveres tinham sido depositados ao longo do plano vertical da rocha.

Talvez para que a terra, que os envolvia, não fôsse, com o andar dos tempos, arrastada pelas águas, colocara-se, do lado externo dêste depósito e paralelamente à rocha, uma grande laje, assente de cutelo, que se achava totalmente soterrada. Formara-se assim uma espécie de ossuário ou sarcófago tósco. Com os esqueletos apenas se encontrou uma vasilha de barro semelhante às actuais panelas daquela região; isto é, munida de duas asas sôbre o bôjo. Claro é que os achadores não a pouparam e o meu guia colheu do chão uns cacos que lhe pareceram dêsse vaso; não os quis eu porém recolher, atendendo à que era problemática a comprovação desta circunstância. Em todo o caso direi que êsses fragmentos eram aparentemente da época romana. Os ossos ficaram abandonados no cabeço e, procurando alguns restos, é certo que encontrei uns pedaços, já muito branqueados da sua longa exposição ao sol e às intempéries. Estes trouxe-os para Belém, porque a sua identificação me pareceu mais provável.

O achado porém, que mais impressionara a vizinhança, fôra o de duas *argolas* de ouro. Vi o local, que me foi mostrado pelo referido guia. Estas jóias não estavam juntas, mas tinham sido colocadas um pouco desviadas e ocultas debaixo de pedras firmes do outeiro; isto deu lugar a que fôsem descobertas em dias diferentes. Pude averiguar que eram duas, e que foram vendidas por 14 libras a um ourives das Caldas da Rainha. Eram fechadas, cilíndricas e circulares, mas o diâmetro do aro era maior em uma do que em outra. Não tinham desenhos.

III

O que vou publicar é quasi textualmente o relatório diário dos trabalhos da pesquisa, que empreendi no *Outeiro da Assenta*; para confrontos bibliográficos de etnografia preistórica, que tanto interessam a quem trabalha, não disponho de lazer neste momento. Ficam registados pela narração e pelo desenho os vestígios da preistórica estância e isso é, na verdade, o essencial para a paleoetnografia portuguesa ¹.

¹ Cumpre-me, antes de continuar, referir-me a um cavalheiro, residente em Óbidos e aí notário, que me facilitou, com a sua melhor vontade, tudo quanto eu precisava para a exploração, desde a licença dos proprietários (Srs. Pedro Ferreira e José Agostinho) até à expedição dos caixotes. O nome, pois, do Ex.^{mo} Sr. António Roque Carvalho Machado fica inscrito na lista dos beneméritos, a quem a arqueologia e portanto a história nacional devem sinceros e desinteressados serviços.

Iniciei os trabalhos em 24 de Maio de 1911. Tendo palmilhado o monte em todas as direcções, não se me deparou nenhuma ruína, nenhum indício aparente, que chamasse a minha atenção para algum ponto em especial. Guiei-me pois por meras presunções para começar as covas de sondagem, e assim escolhi, na parte mais elevada do cabeço e na base da grande cortina de pedra, um recanto abrigado pela disposição dos penhascos e exposto ao nascente, onde alguma família primitiva poderia ter construído, com relativo conforto, a sua habitação. Foi também num recanto, num verdadeiro beco sem saída, que, no *Outeiro de S. Mamede*, o Sr. Bernardo de Sá, colector que foi do Museu Etnológico, encontrou os vestígios de uma habitação e, se me não engano, um precioso esconderijo de pontas de seta, de uma forma verdadeiramente característica. S. Mamede pertence à mesma rica região arqueológica do *Outeiro da Assenta*; fica-lhe a 5 quilómetros ao S.

A superfície do terreno era, no local escolhido, de bravo aspecto. Grandes calhaus desprendidos da penha iminente, arbustos que ocultavam a pouca terra livre, entulho acumulado por séculos, tudo isto dificultava enormemente o trabalho, mas podia encobrir algum fundo de habitação, com que eu sonhava. Começando a ser removidos estes destroços, a cerâmica preistórica começou também a surgir, e, além desta, outra da época romana. Os cacos preistóricos pertenciam a vasos trabalhados sem roda e um dêles era ornamentado com desenhos característicos; os que supus de procedência romana, revelavam o emprêgo da roda; a pasta e côr também eram diferentes das dos outros. Em camadas superficiais, sujeitas a remeximentos e a transportes, o facto era explicável, mas por si só já demonstrava que o cabeço tinha sido habitado, mais ou menos continuamente, desde os tempos preistóricos até a conquista romana.

Prosseguindo os trabalhos no mesmo sítio, escolhendo-se e removendo-se as terras, todos os materiais exumados denunciavam que efectivamente o lugar pudera ter servido de plataforma de uma habitação. Juntamente com ossos decompostos, alguns humanos, outros animais, apareciam fragmentos de conchas utilizadas na alimentação, cacos de pasta e fabrico grosseiro, dos quais uma parte ornamentada com estrias simples, em séries, sem intenção de formar um motivo determinado outros de época mais recente, talvez pre-romana, e ainda outros romanos, bem caracterizados, e, neste segundo dia de trabalho, um machado de pedra polida, gasto porêem nas extremidades, como se tivesse servido de martelo ou utensílio contundente.

Estes materiais encontravam-se na mais ideal confusão, na mais completa mistura, em profundidades diversas, sem que me fôsse possível estabelecer qualquer relação cronológica derivada da situação.

Compreendia-se, durante a faina dos meus trabalhadores, que os calhaus, que os embaraçavam, haviam-se destacado da escarpa sobranceira no transcurso dos séculos; a formação de húmus, pelos ventos e pelos detritos vegetais, preencheram os interstícios das pedras; as chuvas deslocaram os materiais, dando lugar a que os restos de épocas diferentes se confundissem, uns sendo arrastados até o fundo das menores fendas, outros deslizando pouco a pouco dos sítios mais elevados para se sobreporem aos que primeiro tinham sido transportados. As fases de esta escavação iam-me convencendo de que uma ou mais habitações ali se haviam ajeitado nas épocas preistóricas. Era aspérrimo êste segundo dia de trabalho, em consequência da nortada fresca que, ao fundo das encostas, agitava os trigais verdejantes com arrepios que galopavam pela várzea fora; sem embargo, no ponto onde eu e os trabalhadores nos collocáramos para esta pesquisa, estávamos como dentro de uma casa!

*

O terceiro dia estreava-se por um achado de bom agouro: uma ponta de seta triangular, mutilada no vértice. Era de sílex escuro. Daí a pouco, encontrava-se um estilhaço da mesma rocha. Amiudavam-se os achados com a profundidade da pesquisa, se os compararmos com os do dia anterior.

As cascas de ostras apareciam com freqüência, mesmo nas mais fundas camadas; era evidente que os antigos habitadores exploravam as águas da lagoa, tal como ela seria nessa época remota, para a sua alimentação. Hoje a ostra é uma raridade naquelas águas semi-salgadas.

No dia imediato, tendo verificado que não podia profundar mais a escavação, pelo dédalo de pedregulhos em que me embrenhava, tentei revolver no alto do cabeço um sítio, onde me informaram que tinham aparecido umas *garrafas* de barro (obra púnica ou romana?). Foi porém infrutífera a pesquisa.

*

Um trabalho, que convinha fazer, era o de examinar as camadas de detritos na encosta abrigada pela alta cortina do penhasco, que coroa longitudinalmente grande parte do cabeço. Essas camadas deviam ser constituídas pelos materiais que, desde sempre, iam caindo

de cima, juntamente com os restos que as habitações aí tivessem acumulado. Para isso abriu-se uma vala perpendicular à cortina, de modo que os estratos pudessem ser observados nas paredes laterais da vala. (Vid. fig. 3).

Começou logo a aparecer casca de ostra, em grande abundância, bem como valvas de berbigão e amêijoas; em suma, rebotalhos de cozinha. Da indústria preistórica, exumou-se um fragmento de faquinha de sílex; cacos com asa mamilar; outros ornados de desenhos incisos; de carácter romano também se encontraram alguns, mas em muito menor quantidade. À profundidade de 2 metros, estava um pe-

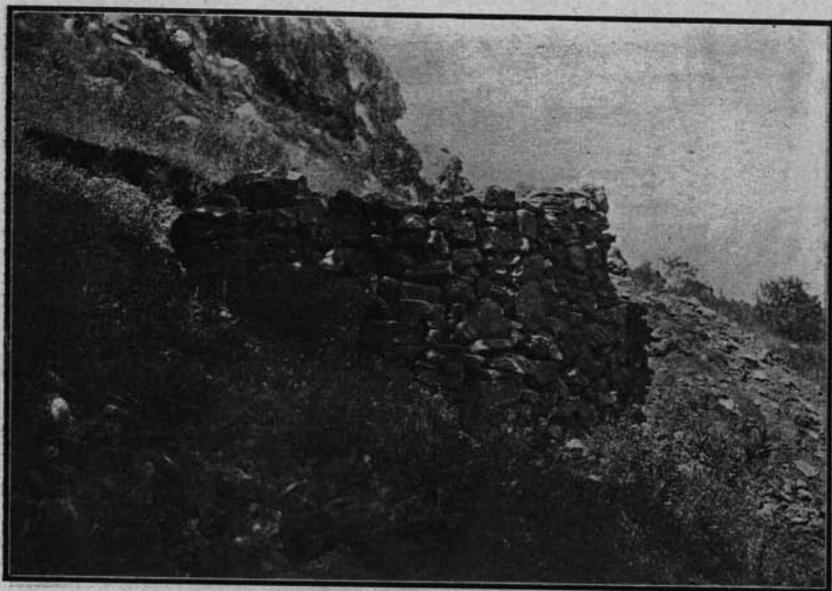


Fig. 3 — Sondagem feita na encosta L. e entulhos extraídos com as pedras dispostas em parede

daço de osso craniano e outro de osso longo de homem; a terra era neste ponto muito negra. Não pude distinguir camadas estratificadas. Mas, no seguimento desta escavação, as valvas de ostra encontravam-se reunidas aos montões; os cacos ornamentados preistóricos e os ossos também não rareavam. E, como peça interessante, apanhou-se uma faquinha de sílex, como as dos *kjökkenmöddinger* portugueses, e outras de maiores dimensões.

*

As sondagens até aqui descritas, conquanto não tivessem sido estéreis, não eram todavia tam elucidativas, como eu desejava. Os restos

preistóricos abundavam nas camadas mais profundas; os romanos encontravam-se em muito menor quantidade e à superfície do terreno. Mas uma estratificação bem caracterizada não aparecia; os planos eram muito inclinados demais, para que se reunissem condições favoráveis à fixação de estratos arqueológicos de certo rigor.

Era pois preciso procurar outro local para a exploração do cabeço. Um dos trabalhadores contou que, na planura superior do outeiro, onde era o terreno baldio, um homem se lembrara de cultivar batata e que era freqüente, ao remexer a terra, encontrarem-se uns objectos de barro, que, pela descrição, me pareceram pesos de rede.



Fig. 2 — Escavação na extremidade N. da plataforma

Dirigi-me pois para o sítio indicado, que era a extremidade NO. dessa plataforma, à borda de um esporão do penhasco que coroa o morro. (Vid. fig. 2). Efectivamente, às primeiras cavadelas, descobri-se-nos um dêsse curiosos utensílios. Era de forma ovóide com um canal no eixo maior. Os entulhos davam cacos em grande quantidade, alguns fragmentos de ossos e grãos carbonizados ou escurecidos, que pareceram de trigo e se acumulavam de preferência ao lado de alguns fragmentos de cerâmica. Êstes restos constituíam dois agrupamentos, parecendo um dêles formado de dois menores. Recolli separadamente os cacos do vaso maior que se achava inteiramente feito pedaços, esmagado e deslocado. Era uma urna ou panela cheia, ao que parecia,

de cereais. Os outros dois continham também sementes cerealíferas, no mesmo estado de decomposição.

Devo porém consignar que esta cerâmica já acusava o emprêgo da roda de oleiro. Não era possível medir estes restos, mas não se julgue que eram pequenos recipientes. A par disto, o espólio retirado nesta parte do outeiro incluía variado material, que enumero: pedaços de barro cozido, grosseiro, não de vasos, mas irregulares e espessos, que apresentavam em uma ou duas faces impressões dos canigos, com que deviam ter sido construídas as cabanas dos antigos habitantes do cabeço; um volante de fuso (cossoiro), cacos ornamentados preistóricos e alguns romanos, um serrote de bronze, um escopro, um raspador, e diversas faquinhas de sílex. Todavia nem *tegulae*, nem trituradores ou mós primitivas, nem mós giratórias.

Não podia limitar-me a estes achados; era preciso insistir e fazer falar o terreno.

Em outro dia, o primeiro objecto desenterrado foi uma fibula; já dessa eventualidade eu tinha prevenido os meus trabalhadores. Depois surgiu um pêso de barro, de tear preistórico, com quatro orifícios; continuaram as facas de sílex a aparecer, estando algumas a mais de 1 metro de profundidade.

Os recipientes de sementes, cujos destroços se iam separando da terra, achavam-se a 2 ou 3 palmos de profundidade. Alguns seixos, sem vestígios de trabalho, tinham aderente uma fina camada de depósito calcáreo; o mesmo depois verifiquei em machados de pedra desta estação arqueológica. Êsses seixos foram para ali conduzidos pelo homem, não só porque não há aluviões no cabeço, tanto quanto me pode persuadir a ausência de estratos de calhaus rolados, mas ainda porque o facto das concreções calcáreas se dava também com os instrumentos neolíticos, depositados nas mesmas condições e ao mesmo tempo.

Notei mais:

Um pedaço de cerâmica com orifício, que não sei classificar.

A 6 palmos de profundidade, isto é, ao nível dos vestígios preistóricos, um belo machado de pedra polida.

Uma ponta de seta de sílex; um belo ponteiro de bronze e outra haste énea, talvez furador.

Um calhau com lascamento, segundo parece, não casual e de um só lado, e por fim, mãos de gral em número de duas, talvez.

*

Sem embargo da aparente confusão dos depósitos, uma observação eu já podia fazer com toda a segurança; os materiais preistóricos

encontravam-se exclusivamente nas camadas mais profundas da escavação, que eu ia dirigindo em avanços sucessivos e paralelos entre si, e, comparativamente com os restos mais modernos, eram êles em muito maior quantidade. As urnas com os cereais ocupavam a zona superior dos cortes de terra, o que bem correspondia à natureza da cerâmica, de que eram constituídas. Esta escavação atingia mais de 1^m,50 e, a essa profundidade, já apareciam valvas de amêijoa, e com elas, fragmentos de facas de sílex, pesos de quatro orifícios e mais uma ponta de sêta. Os cereais portanto não eram da ocupação mais antiga.

Comecei então (era o oitavo dia de trabalho) a notar uma estratificação mais pronunciada nos depósitos; eu ia avançando para a região central da plataforma do cabeço na direcção SO. e afastando-me da sua extremidade declivosa, onde naturalmente a confusão dos depósitos se devia ter dado, desde os primeiros tempos da habitação.

E assim, principiando pela superficie, eu via a primeira camada de terra humifera, constituída pela decomposição das raízes dos arbustos e das gramineas, com cêrca de 0^m,20 de espessura. Seguia-se o segundo estrato, composto de barro vermelho, cuja presença, nesta altura, julguei que só se podia explicar pelo transporte intencional, por exemplo, para formar um pavimento de habitações. Também podia ser o resultado da derrocada de habitações, que tivessem o tétó protegido por barro.

Inferiormente, havia uma zona muito desigual de entulho com terra e pedras, à qual se seguia outra de terra escura, que era propriamente a camada preistórica; neste dia forneceu ela mais dois pesos de quatro orifícios. Os cereais carbonizados ou decompostos, bem como os fragmentos dos potes que os continham, achavam-se enervados na camada de entulho, o que demonstra que pertencem à época em que se lançou o barro do segundo estrato ou se viveu sôbre êle, porque êste estrato foi rôto para depositar os recipientes-tulhas.

Na camada mais baixa, juntamente com os sílices, encontrou-se um pedaço de barro cozido, que por ser curvo e grosso, mas muito tôsco, me pareceu à primeira vista ter pertencido a um vaso avantajado; a pasta porêm é idêntica à dos pedaços que apresentam as impressões de caniço. A hipótese, que me ocorre, é que fazia parte efectivamente do revestimento argiloso das cabanas, nalgum ponto em que houvesse uma abertura para o exterior, uma chaminé, por exemplo.

As vasilhas, que continham as sementes, tem uma pasta dura e apresentam uma singularidade nos seus planos de fractura; êstes planos, em vez de serem perpendiculares às superficies dos vasos, são muito oblíquos, dando aos fragmentos o aspecto de lascas. Como

explicar esta circunstância? Presumo que as pressões que sofreram na terra, de cima para baixo, em sentido vertical ou talvez algum processo especial de os formar e trabalhar à roda, dão uma explicação plausível d'êste facto. Não pude determinar as asas d'êstes vasos; talvez as não tivessem, porque o bordo da bôca era bastante saliente para dispensar êsses apêndices de preensão.

As sementes porém, não estavam só dentro d'êstes recipientes; debaixo do estrato de barro, que acima descrevi, havia umas zonas irregulares de terra negra e de aspecto carbonizado, que também continham cereais no mesmo estado. Parte das sementes contidas nestas olas adería à sua superfície interna.

Nesta altura dos meus apontamentos escritos no acto da exploração, encontro ainda lançada a minha dúvida acêrca da origem desta camada de barro, tendo até consignado que, se êsse barro não tivesse sido transportado intencionalmente para ali, eu não sabia dar outra melhor explicação.

*

Continuando a escavação no ponto em que as camadas estratificadas davam ao trabalho uma importância especial, porque a situação dos objectos começava a ter um significado cronológico, verificou-se o aparecimento de outro pêso de rêde, ovóide e perfurado longitudinalmente. Casualmente foi avistado, antes de se soltar do estrato que o continha e pude então notar rigorosamente a sua posição. A zona onde êle se mostrava, erá aquella camada de terra escura subjacente à que se caracterizava pela presença dos cereais carbonizados; só depois desta observação feita e arquivada, é que êste objecto foi retirado do seu lugar. A êste nível apareciam também os pesos de tear, a que já me tenho referido e que são análogos aos da estação de S. Mamede.

Esta camada era seguramente da época preistórica, sem mistura alguma com os estratos superiores; estava intacta; o que tem importância para estudar a etnografia do povo que ali viveu nesses afastados tempos. Para melhor caracterizar esta camada, um dos trabalhadores encontrou um magnifico machado de pedra, com o gume em óptima conservação, o que valeu ao achador uma apoteose dos companheiros. É um pouco deprimida a secção transversal d'êste exemplar preistórico.

A êste achado seguiu-se o de um cossoiro e de um caco com furo cónico.

Quando eu me occupava em redigir esta notícia, o meu excelente amigo, Dr. Joaquim Manuel Correia, das Caldas, a quem o Museu

Etnológico é devedor de numerosas provas de dedicação, remeteu um caco com grafito, encontrado por pessoa de sua família no *Outeiro da Assenta*. As letras gravadas sôbre a pasta sêca parecem de tipo arcaico ou cursivo romano, correspondendo a **Λ<IX**.

Deve entender-se que se trata de um fragmento cerâmico, onde três caracteres não estão completos; apenas um, o segundo, o parece estar. Ao último falta o provável prolongamento de uma das hastes. Também por isso, não se pode verificar se havia mais letras no vaso, para trás ou para diante destas quatro. Não era raro, na etnografia romana, inscrever o nome do defunto, ou alguma fórmula, em vasos sepulcrais. Êstes tipos de escrita são anteriores à era christã, mas na Assenta os vestígios romanos são pouco abundantes (*Cours d'épigraphie latine* par R. Cagnat; Paris, 1889, p. 2).

Aqui interrompi os meus trabalhos. A segunda campanha foi feita em 1913, quando eu já não pertencia ao Museu Etnológico.

(Continúa).

F. ALVES PEREIRA.

Antiguidades de Tomar

Officio ao Sr. Presidente do Conselho dos Monumentos Nacionais

Havendo-me V. Ex.^a incumbido de ir a Tomar examinar as ruínas romanas chamadas «de Nabância», para, depois do exame, eu dizer se elas merecem, ou não, ser conservadas, venho desempenhar-me da honrosa missão.

Parti de Lisboa no dia 22 à noite, e no dia 23 de manhã dirigi-me para o local das ruínas, em companhia do meu colega e amigo Dr. Vieira Guimarães, que, sabendo da minha visita, quis dar-me o gosto de andar comigo.

As ruínas ficam em uma propriedade particular no sítio dos *Cardais*, e chamam-se *Nabância*, depois que Possidónio as crismou assim¹: constam essencialmente de restos de casas que estiveram arruadas, de um pavimento de mosaico policrómico (*opus vermiculatum*), já muito deteriorado, e de fragmentos de colunas dispostas em filas ainda *in situ* (bases quadradas de pedra e fustes formados de fiadas circulares de tijolo²), e distanciadas entre si 1^m,84, e do mosaico

¹ *Boletim do Carmo*, III (1882), 152-154.

² Cada fiada compõe-se de quatro quartos de círculo agrupados entre si, conforme o modelo que se vê no *Arch. Port.*, I, 315.